

**RODA DE CONVERSA OPERATIVA 8**  
**Projeto “ASSOCIAR-SE? SIM. PORQUE...”**

O Tekoa, Centro de Estudos da Aprendizagem,  
em **parceria** com a **abpp-rj**,  
realiza **8ª roda de conversa operativa em 11/11/2015**  
visando **incrementar o movimento associativo da abpp-rj**  
no Estado do Rio de Janeiro.

TEMA:

CONVERSA ENTRE GERAÇÕES/ TRAJETÓRIAS E PERSPECTIVAS  
CONVIDADAS ESPECIAIS: Heloísa Padilha e Maria Helena Bartholo

Coordenação geral: Maria Luiza Leão (Tekoa)

Em parceria: Maria Katiana Gutierrez (Abpp-rj)

Coordenação Operativa da Roda: Lucia Izabel Soares (Tekoa)

Reladoras: Andréa Mazzaro e Virginia Rangel (Tekoa) Maria Luiza Leão

**Presentes:** Andréa Mazzaro; Adriana Figueiredo; Alexandre Vieira; Cintia Duarte; Gisele Noel; Lucia Izabel Soares; Lucia Helena; Maria Katiana Gutierrez; Maria Luiza Leão; Marijane Lima; Paula Finkelstein; Sandra Elizabeth; Paulo Cezar Bastos; Virginia Rangel.

A Roda de Conversa começou às 19h15min com Maria Luiza agradecendo a presença de todos. Disse o quanto estava feliz em coordenar mais uma Roda de Conversa em parceria com a abpp-rj. Explicou que “a roda de conversa operativa”, é uma técnica de intervenção comunitária com o objetivo de “dar voz aos associados da abpp-rj, fazer circular conhecimentos, angustias...”. Maria Luiza disse que, também é objetivo da roda, conversar com outras comunidades sobre suas histórias, participando junto ao grupo de psicopedagogos do Rio de Janeiro a firmar-se como comunidade. Acrescentou que, a Roda de Conversa faz parte de um estudo de Pós-doutorado em parceria com a UFF. Os relatos da roda já geraram “frutos” entre eles está uma monografia (de Juliana Borges) sobre *os registros das rodas de conversa operativa*.

Maria Luiza continuou explicando que a Roda de Conversa se inspira na técnica de Pichon Rivière sobre Grupos Operativo se tem uma articulação com a Antropologia Social. “O grupo representa uma comunidade, os participantes mudam, mas representam uma comunidade enquanto porta vozes da mesma”. “Esta é uma roda de narrativa as participantes e nós vamos narrar histórias e questões ligadas ao tema do projeto” disse Maria Luiza. Depois deu uma explicação sobre os tipos de

rodas que existem. Maria Luiza falou que, o feedback (registro de retorno) das rodas tem como objetivo devolver ao grupo e aos participantes o que foi conversado, fazendo função de espelho, permitindo tomadas de consciência.

Logo em seguida Maria Luiza fez uma breve retrospectiva dos assuntos já discutidos nas rodas anteriores e falou que, a ideia é fortalecer o grupo de psicopedagogos do Rio de Janeiro. Os temas das pautas são recorrentes e é o próprio grupo de participantes que constrói a pauta. Falou que a Roda VIII oferece uma novidade. Colocamos um tema prévio para ser inserido na pauta: CONVERSA ENTRE GERAÇÕES/ TRAJETÓRIAS E PERSPECTIVAS, trazendo como convidadas “Psicopedagogas queridas” para darem os seus depoimentos: Heloisa Padilha e Maria Helena Bartholo.

Maria Luiza apresenta a equipe da coordenação da roda e passa a palavra para Maria Katiana que disse ter gostado da novidade e sugeriu sua continuidade em outros encontros. Logo em seguida, Maria Luiza pediu ao grupo para se apresentar e já ir colocando algum assunto que quisesse abordar na pauta a ser construída.

Gisele escreveu no quadro a pauta montada com sugestões dos presentes:

### **Pauta**

*Apresentação Heloisa Padilha*

*Apresentação Maria Helena Bartholo*

*Eventos ABPP*

*Regulamentação da profissão*

*Carteirinha de sócio*

*Cursos no Site*

*Semana do Psicopedagogo*

*Sede-gestão*

*Titularidade*

*CBO – código brasileiro de ocupação que número que se coloca?*

O primeiro item discutido foi sobre a carteirinha. A participante Sandra sugeriu que, na carteirinha de sócio, constasse o número da CBO (Classificações Brasileiras de Ocupações, cujo registro do Psicopedagogo é o número 2394-25). Segundo Katiana como a CBO faz parte de uma lei Federal, não cabe a ABPP colocar esse número na carteirinha, mas poderia verificar.

Logo em seguida Katiana falou da semana do Psicopedagogo e disse que, no site e no facebook da associação, diariamente, durante a semana do dia 12 de Novembro (dia do psicopedagogo), iria sair notas de assuntos e documentos relacionados à psicopedagogia e ao psicopedagogo, organizadas pela abpp-rj. Pediu que todos curtissem e compartilhassem.

O terceiro item abordado foi sobre a regulamentação. Katiana disse que, “a regulamentação está parada no Senado”, um senador pediu vistas do processo, o que significa que terá que ter outra reunião para responder as suas perguntas. O

processo de regulamentação já passou pela comissão de educação, comissão de justiça, “uma série de comissões”. O início do processo foi em 1997.

Logo em seguida Maria Luiza fez a apresentação das convidadas.

Começou com Maria Helena Bartholo. Bartholo disse que, primeiro gostaria de ouvir o grupo e, assim, algumas pessoas se posicionaram.

César, que faz Psicopedagogia na Cândido Mendes, acrescentou que: “Estou me sentindo apaixonado pela psicopedagogia!”.

Sandra disse que, ficou sabendo da roda pelo site da abpp-rj e que fez sua Pós Graduação no Instituto Santa Isabel e está associada há dois anos.

Adriana acrescentou que se associou em 2014 e cursa na Estácio de Sá.

Alexandre disse que, fez sua formação na UERJ e também já se associou.

Logo em seguida Maria Helena falou de sua trajetória. Disse que, é graduada em Pedagogia e que, buscando formação continuada, no Ceperj, conheceu Lacombe e Alícia. Segundo seu relato, foi com elas que começou a entender um fenômeno que acontecia em seu consultório: Quando a criança apresentava uma evolução, uma melhora, a família a retirava da terapia e, geralmente, esta criança voltava um tempo depois. Com essas profissionais ela aprendeu que: “precisava trabalhar as famílias” e atualmente Maria Helena trabalha com Terapia Familiar Sistêmica e adotou também os princípios da psicanálise em seu trabalho.

Maria Luíza acrescentou que, esse olhar sobre a família é realmente muito importante e que: “O pensamento de base do Tekoa tem uma escuta psicanalítica”.

Maria Helena continuou dizendo que, quando uma criança é encaminhada ao consultório é necessário que o psicopedagogo faça interlocução com outros profissionais que a atendem, assistem ou cuidem dela, formando uma rede. “O saber da psicopedagogia é fundamental para diminuição da medicalização das crianças”, disse Maria Helena e enfatizou a importância da formação continuada e da supervisão. Relatou que no último congresso de psicopedagogia, o corpo de palestrantes, em sua maioria, era composto por médicos e psicólogos, poucos psicopedagogos. Continuou dizendo que, é importante que os psicopedagogos falem de seus trabalhos, escrevam sobre eles, façam pesquisas, que mostrem mais suas práticas; sugeriu a revista da ABPP, para publicações. Ressaltou que precisamos valorizar menos o que vem de fora, de outra cultura, nosso país é muito rico, temos bons profissionais, temos que valorizar o que é nosso. Maria Helena expôs um trabalho que é realizado no CEFAI, cujo atendimento é realizado em grupo, com mães e filhos.

Maria Luiza acrescentou que, quanto mais a psicopedagogia crescer, mais irá precisar de publicações e pesquisas e que, foi assim que a psicopedagogia evoluiu e vem evoluindo. Relatou o novo trabalho que o Tekoa vem desenvolvendo, o Akadémia. O Akadémia é uma plataforma onde serão publicados, trabalhos,

pesquisas, monografias, entre outros, desenvolvidos pelos seus alunos, profissionais e parceiros. Esta plataforma, online, está prevista para ser lançada no final de 2016.

Logo em seguida, foi a vez de Heloísa Padilha abordar sua trajetória. Padilha falou que, começou em 1978 junto a Jorge Visca em uma escola na Barra da Tijuca com crianças “bem comprometidas”. “A minha carreira estava indo para outro lado e fui atravessada pela psicopedagogia. Estava fazendo mestrado e tranquei. Fiquei apaixonada pela psicopedagogia”. Heloisa Padilha acredita que a paixão pela psicopedagogia tenha relação com a sua história de vida. Quando criança sentia dificuldade em decorar: “achava que não sabia nada”. Disse ela. Relatou que passou nove anos, sofrendo, pois o método da escola que estudava exigia que decorasse. “Mantinha minhas notas altas, por prêmio de esforço, pois acordava de madrugada para gravar os afluentes dos rios”. Heloisa Padilha relatou que, quando seu colégio acabou foi estudar no colégio de aplicação da PUC e suas notas despencaram. Depois relatou que, ao longo de sua trajetória suas notas foram melhorando. Para ela, o método exigido pela escola acrescenta um fator importante no grau de dificuldade apresentado pela criança. Disse que, por causa da sua história: “sei reconhecer um patinho feio de longe”. Depois Heloisa Padilha representou com bonecos de lego, as ideias e teorias de autores que mais influenciaram e influenciam suas práticas psicopedagógicas: Jean Piaget; Jorge Visca e Pichon Rivière. O trabalho com os bonecos demonstrou, na prática, como é importante a articulação entre a exposição teórica e concreta para fixação dos conteúdos e construção do conhecimento e de que maneira Heloísa Padilha articula as teorias desses autores em seu trabalho. Heloisa Padilha: “vou abrindo janelas, levando a psicopedagogia para a escola”. Para ela a escola também precisa ser questionada em suas práticas pedagógicas, ver qual a sua responsabilidade no fracasso escolar do aluno. Fazer uma reforma pedagógica é necessário, a psicopedagogia tem que entrar no DNA da escola. O aluno pode ser um fracasso na escola, mas não na vida. Padilha disse que começou na clínica e foi para a escola, mas “Hoje estou no sistema Macro, no sistema educacional, comecei a investir mais na escola, porque a clínica me angustiou. Se o sistema fosse outro, talvez essas crianças não estivessem na clínica”.

Maria Helena Bartholo acrescentou que a prática psicopedagógica clínica deve mostrar para a escola aquele aluno que ela não conhece, evidenciando o melhor da criança. Maria Luiza completou dizendo que, muitas vezes, a criança porta voz de um problema que está na escola, no sistema e que: “O objetivo da clínica é buscar a autonomia e o prazer de aprender”.

Neste momento, Marijane falou de sua trajetória profissional e de sua prática psicopedagógica em Petrópolis, na UCP (Universidade Católica de Petrópolis). Corroborando, através das suas experiências, as falas anteriores.

Heloísa Padilha terminou falando que, atualmente, está na educação pública, sente-se muito ligada ao Jorge Visca e que usa em seu trabalho os autores citados anteriormente.

Passando para assuntos relacionados a eventos na abpp-rj, Paula falou que este ano foi muito produtivo e Maria Luiza completou dizendo que a nova geração precisa se empoderar como psicopedagogos. Katiana disse que, as vias de empoderamento são os fóruns, palestras, apresentações de grupos entre outros e que “este ano teremos mais TCCs nos Caleidoscópios”. Maria Luiza disse que, sente falta de ouvir a nova geração de psicopedagogos.

César disse que, para ele o encontro foi uma grande aula e agradeceu a oportunidade de ouvir tantas experiências. Alexandre também agradeceu a oportunidade e Sandra sugeriu para um próximo encontro e tema: *A liberdade de Aprendizagem e a Psicopedagogia*.

Terminando, a coordenadora Operativa da roda, Lucia Izabel, disse que, o tema central foi o empoderamento da profissão. E este fortalecimento está em se ter coragem de aparecer, mostrar opiniões e questionar outras práticas quando divergentes de nossas. Publicar trabalhos, fazer pesquisas. Ter coragem de questionar o neurologista, a escola.. E a preocupação central desse empoderamento da profissão é que ela seja uma prática com união, formação continuada, reuniões, trocas de experiências. Teve a impressão de que este ano está havendo um maior fortalecimento do grupo independentemente da regulamentação e que essa roda foi muito frutífera com a vinda de pessoas novas.

Maria Helena Bartholo valorizou o trabalho de Maria Katiana como presidente da abpp-rj e de Lucia Helena como sua fiel escudeira.

Palavras centrais que marcaram essa roda de conversa: Empoderamento, força e união.

A roda de conversa terminou às 20h 45min com a Maria Luiza convidando todos para um lanche de confraternização.